

MUSEU : BIBLIOTECA

Folha para Hemeroteca

Cl:

Data publicação

12/8/88

Diário Grande ABC:
Coluna Memória

Assunto:

Ademir MEDICI



Cerâmica em São Caetano

São Caetano, além de inaugurar a 28 de julho o Monumento ao Imigrante, na praça Luis Ventura, teve o cuidado de reproduzir a obra do escultor Miguel Locoselli em estatuetas de gesso distribuídas a segmentos do Município. Foi uma lembrança das mais elogiáveis. São Caetano, com as estatuetas, lembrou suas origens históricas industriais representadas pelo artesanato em barro das velhas fábricas de cerâmica.

Quantas destas peças foram produzidas já a partir das primeiras décadas do século. É o caso da foto, que representa a fábrica S. Toyoda e Companhia Limitada, fundada em 1928 e que encerrou atividades em 1981. A foto é de 1934 e mostra Shizue Toyoda, hoje com 86 anos, Shizue é viúva do ceramista Senjiro Toyoda e pai de Keigo e Sumie Toyoda, que recordam estes tempos todos da indústria cerâmica da cidade.

Onde estariam todas estas peças da foto? Como seria importante o aparecimento de exemplares para o Museu Histórico que logo, logo estará no Palácio De Nardi, no



Reprodução-Maurício PAVAN

Bairro Fundação. As peças representariam o trabalho de tantos homens e mulheres anônimos, que fizeram a verdadeira história de um Município que hoje sai em busca de suas raízes.

• • •

Por falar em origens, as voluntárias da Corporação Musical Carlos Gomes, a mais antiga banda de São Bernardo, fundada em 1924, realizam amanhã bazar beneficente às 15h, em sua sede. Local: rua Flaminio de Oliveira, 65, Centro. Recado é da colaboradora Maricota Pinto e todos estão convidados.

MUSEU : BIBLIOTECA

Data publicação

2/8/88

Diário Grande ABC:
Coluna Memória

Folha para Hemeroteca

Cl:

Assunto:



Ademir MEDICI

A emancipação em 1948

Passam os anos 30 e só no fim dos anos 40 São Caetano consegue a emancipação político-administrativa, vitoriosa com o plebiscito de 24 de outubro de 1948. A autonomia só foi possível com a luta de homens como os da foto, cujo original pertence ao acervo do Museu Municipal, dirigido por Sonia Xavier.

A identificação da fotografia foi feita pelo pesquisador Jayme da Costa Patrão, que tem pesquisado muito a história de São Caetano, baseando-se em fontes escritas mas também no recolhimento de informações orais. Foram identificados, da esquerda para a direita: (?), (?), espanhol residente no Bairro Monte Alegre, Dr. Nelson Infante, (?), Mario Porfirio Rodrigues (fundador do *Jornal de São Caetano*),

Lorenzini (de chapéu e terno branco) e Luiz Crepaldi (diretor do Hospital Márica Braido).

E se em 1909 São Caetano era apenas a sexta cidade industrializada da região, ao tempo da emancipação já tinha atingido, de há muito, o primeiro lugar, empatando com Santo André. Estudo de 5 de outubro de 1942, desenvolvido pelo engenheiro Paulo Ferreira Lopes, da Diretoria de Engenharia da Prefeitura de Santo André, mostrava esta liderança: 40% da industrialização do então Município de Santo André ficava em São Caetano, outros 40% estavam na sede (Santo André) e 12% apenas ficavam com São Bernardo.

Dentre as principais fábricas de São Caetano, em 1942, estavam: Indústria Aliberti, I.R.F. Matarazzo, Dal'Mas, Formicida Quatro Paus, Metalúrgica São Francisco, Brasilit e General Motors.



Reprodução-Alberto MURAYAMA

MUSEU : BIBLIOTECA

Data publicação

Diário Grande ABC:
Coluna Memória

Folha para Hemeroteca

3/8/88

Cl:

Assunto:

Ademir MEDICI



Sucedem-se os loteamentos

A emancipação em 1948, um novo Município. São Caetano atinge a década de 50 com muito fôlego, muita energia. Os loteamentos se sucedem, a cidade expande-se.

Reprodução J.B. FERREIRA



Hoje a história destes loteamentos, ou seus primórdios, está registrada em Santo André. São os loteamentos anteriores a 1948, cujas plantas e processos merecem um estudo científico. Basta serem levantadas e preservadas as documentações. É o caso de Vila Gisela.

Vila Gisela é o mais antigo loteamento do atual Bairro Boa Vista. Informações orais mostram que a vila foi aberta pelo alemão Simão Heinsfurter por volta de 1938-9. No pós-emancipação toda a área ainda era tomada de muitos mata-gais. E em 22 de outubro de 1952 foi fundada a Sociedade Esportiva Gisela, cuja primeira sede foi no porão do bar de José Beijós, entre as ruas Frieda e Boa Vista.

Entre os fundadores da SE Gisela estavam Daniel Costa, Sebastião Diogo, Agenor Silva, Dario Fer-

nandes, José Marques Faria, Zeferrino Graciuti, Diogo Blanco, Geraldo Pereira da Silva, José de Camargo, José Gomes Beijós e José de Sá. O primeiro presidente foi Beijós.

A foto é da primeira sede. O clube passou a se chamar Centro Esportivo Recreativo Gisela em 28 de outubro de 1974.

Em 1952, quando surgiu a SE Gisela, São Caetano possuía 820 casas comerciais e 265 indústrias. As indústrias empregavam 14 mil funcionários. O Censo de 50 havia indicado população de 60.200 habitantes, distribuídos em 13 quilômetros quadrados - 4.637 habitantes por quilômetro quadrado (a segunda colocada em densidade demográfica era a Capital, com 1.371 habitantes por quilômetro).

MUSEU : BIBLIOTECA

Data publicação

Diário Grande ABC:
Coluna Memória

Folha para Hemeroteca

4/8/88

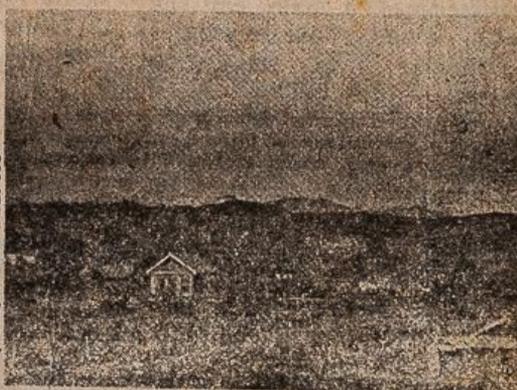
Cl:

Assunto:

Ademir MEDICI



Chácara Bastos



Reprodução: Vânia DELPOJO

Santo André, século passado, 1893. No primeiro plano, a antiga e única estrada que ligava a estação férrea de Santo André a São Bernardo, hoje avenida Portugal. De um lado a chácara e a casa do senador José Cesário da Silva Bastos. A casa ainda era um chalé. Na casinha próxima morava o casal Polez, ou Poles, ou Polesi, cujos descendentes são numerosos em Santo André. O casal, depois sucedido pelo sr. Cassini, era o zelador da chácara Bastos.

A paisagem mostra também outra chácara e casa de um antigo deputado, Paulo Novaes. A residência foi projetada e construída pelo arquiteto Ramos de Azevedo. Por fim, ao fundo, os morros após os trilhos da estrada de ferro. É possível perceber a estrada do Oratório e o espaço hoje ocupado pelo Parque das Nações.

A casa principal da ilustração serviu como a única escola pública

da cidade até 1890. O professor José Augusto Leite Franco lecionava, ele que por 33 anos prestou serviços na educação de diversas gerações de andreenses. A casa foi vendida a Adolfo Augusto Bastos, revendida a José Luis Fabris e depois ao sr. Suplicy. O espaço recebe hoje o complexo cívico do Paço Municipal. A ilustração foi reproduzida de quadro a óleo do artista praiano Benedicto Calixto, que a pintou em 1893. Pertenceu às filhas do senador Bastos, Laura e Carlotinha. Foi publicada em 8 de julho de 1951 no desaparecido *Borda do Campo*, jornal hoje da coleção do pesquisador Valdenízio Petrolí. As informações foram prestadas ao jornal pelo colaborador Nelson Cardoso Franco.

MUSEU : BIBLIOTECA

Data publicação

Diário Grande ABC:
Coluna Memória

Folha para Hemeroteca

5/8/88

Cl:

Assunto:

Ademir MEDICI

Avenida Caminho do Mar

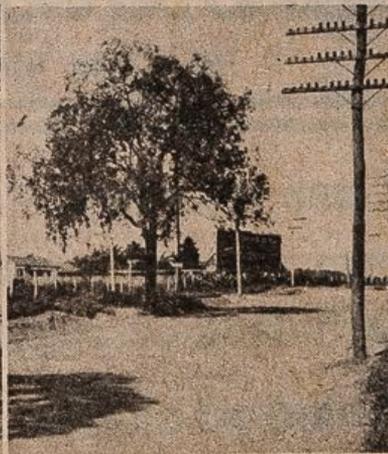


Rudge Ramos, 27 de julho de 1952, avenida Caminho do Mar. A via, interligando Rudge Ramos ao Centro, ainda era de terra batida. São Bernardo apenas se preparava para a industrialização acelerada, que traria muitas fábricas, a indústria automobilística e levas de migrantes.

Neste mesmo ano, na Prefeitura, a Diretoria de Obras elaborou relatório assinalando quais eram as ruas de São Bernardo calçadas. Eis o relatório: rua Marechal Deodo-

ro, rua Padre Lustosa, rua Frei Gaspar (parcial), rua Alferes Bonilha (parcial), rua Jurubatuba (parcial), rampa da igreja matriz, rua Joaquim Nabuco (parcial), rua São Bernardo, rua João Pessoa (parcial), rua Dr. Fláquer (parcial), rua Rio Branco (parcial), rua Newton Prado (parcial) e Largo da Matriz.

Claro, havia muito a ser feito. Mas se o chamado progresso trouxe a pavimentação sonhada, também acabou com paisagens como as das fotos, relativas à avenida Caminho do Mar, da velha árvore. A moça é Rita Angela Zincaglia, secretária, considerada até hoje uma das mais ligeiras e exímias datilógrafas de São Bernardo. As fotos, de seu acervo, foram doadas à coluna.



MUSEU : BIBLIOTECA

Folha para Hemeroteca

Cl:

Data publicação

6/8/88

Diário Grande ABC:
Coluna Memória

Assunto:

Ademir MEDICI



Mauá, década de 40

Os morros ao redor da cidade eram verdes e limpos, sem barracos. E o núcleo urbano estava mais do que definido: simplório, em torno da estação, timidamente acompanhando um pouco a linha férrea. Era Mauá, início dos anos 40. Em 1946, por ocasião do jubileu da Pia Sociedade dos Missionários de São Carlos, ligada à Igreja Católica, foi editada revista comemorativa, quando se publicou esta fotografia. Casas térreas, fábricas... e os morros vazios.

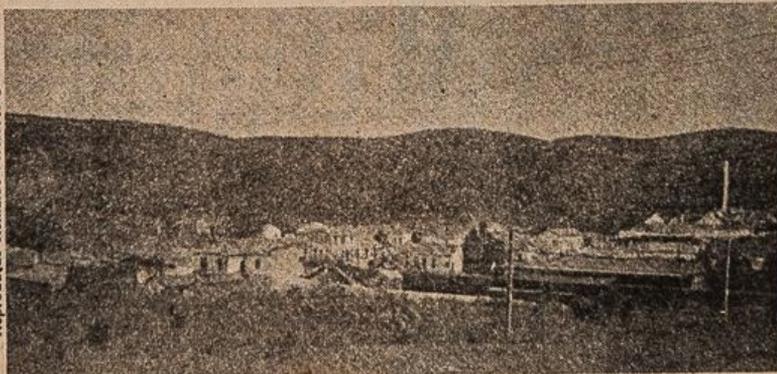
Mauá, o antigo Pilar, era, desde 18 de outubro de 1934, mero distrito de um grande Município, o Grande ABC de hoje. E a cidade enaltecia a elevação do povoado a distrito ao estadista Armando Salles de Oliveira. A emancipação

político-administrativa, porém, só viria nos anos 50.

Em 1949, Mauá distrito, a cidade estava ganhando o Bar e Sorveteria Etchê, de Guilherme Primo Vidotto. E o movimento mensal no posto de assistência médico-hospitalar mantido em Mauá pela Prefeitura de Santo André era pequeno. Dados de setembro de 1949 mostram o seguinte movimento: 66 consultas, 11 atestados, 102 curativos, cinco pequenas cirurgias, 13 visitas domiciliares e nove remoções.

E havia o cinema. A 8 de novembro de 1949, os proprietários do Cine Santa Cecília, a Empresa Enzo Santarelli & Irmãos Ltda., utilizavam a Imprensa local, em nota de duas colunas, advertindo os maus assistentes, "que promovem arruaças durante a exibição de filmes". Um dos filmes em cartaz: *A volta de Monte Cristo*, em soirée e matinê.

Reprodução-Reinaldo MARTINS



MUSEU : BIBLIOTECA

Data publicação

Diário Grande ABC:
Coluna Memória

Folha para Hemeroteca

7/8/88

Cl:

Assunto:

Ademir MEDICI



Casa de Vila Assunção

Vila Assunção, 1964. Esta casa, de fachada para a calçada da avenida Alberto Benedetti, vai ao chão para ceder espaço a residências geminadas, maiores. De qualquer forma, a residência mostra feições comuns à antiga Vila Assunção, que se enquadra entre os primeiros loteamentos do Santo André. Hoje pode-se observar no bairro construções semelhantes sendo preservadas e transformadas em estabelecimentos como pizzarias, barzinhos e outros do gênero. O que é bom para a história e memória da região.

Esta casa, particularmente, já existia em 1923, quando Manoel Pedro Fernandes a vendeu para Alberto Blumer. Em 1940, por oito contos de réis, João Espinossi, recém-chegado de Mogi Mirim, comprou casa e chácara ao redor do espólio de Alberto Blumer e outros. Era uma bela chácara, com

pomar, criação de abelhas, parreiras.

João Espinossi veio do Interior com a esposa Maria do Carmo Dias Espinossi e os filhos João, José e Mercedes. O quarto filho, Paulo, nasceu na residência. Seu João é falecido. Sua esposa, dona Maria, tem 85 anos e reside na Alberto Benedetti. Em 1964, quando da demolição da casa, José Espinossi e família mudaram provisoriamente para a Vila Mansueto Cechi, ali permanecendo dois anos, até que a nova casa projetada ficasse pronta. Estão na foto: Emilio Dias (irmão de dona Maria), sua esposa Lydia Ferrazo Dias e as duas filhas do casal, Dirce e Edimis.

•••

Osmar Medeiros Souza, do Centro Ecumênico da Documentação e Informação (CEDI), está iniciando trabalho de resgate da memória da indústria química no Grande ABC. Ele quer ouvir antigos empresários e trabalhadores. Contatos podem ser feitos através da coluna.



Reprodução - J. B. FERREIRA

MUSEU : BIBLIOTECA

Folha para Hemeroteca

Cl:

Data publicação

9/8/88

Diário Grande ABC:
Coluna Memória

Assunto:

Ademir MEDICI

Clube dos Cachaças - I



Reprodução - Luciano VICIONI



Havia o Ribeirão Pires FC, até hoje o principal clube esportivo da cidade. Mas os jovens de Ribeirão

Pires não perdiam oportunidade de idealizar formas de divertimento. Foi assim que surgiu o Clube dos Cachaças, em 15 de agosto de 1949. Era a forma descontraída de levar a vida e encontrar novas formas de diversão.

O Clube dos Cachaças reunia os moços de Ribeirão, muitos das mais antigas famílias. Eram os encontros de salão e o futebol as principais atividades. E, sempre que possível, passeios para fora da cidade, da região e, até, do Estado. A foto mostra isto.

Aqui, em 1950, os moços do Clube dos Cachaças prepararam-se para deixar a estação ferroviária de Ribeirão Pires em direção à esta-

ção da Luz, na Capital, onde apanhariam outro trem, desta feita para Belo Horizonte. Era um clube de gozadores, mas reparem o trato das vestimentas.

Fora do trem, da esquerda para a direita, aparecem: Lino e Felix Alvarez (irmãos), Valdir Moreno e Euclides Menato. No vagão de madeira, na mesma ordem, podem ser vistos: Tonho, Osmar Carpinelli, Alvaro Vieira, Remo Maziero, Alberto Machado, Dorival Zampol, Antonio Zampol, (?), Boanerges Bernardes, (?) e Romeu Tolezano. A foto é da colaboradora Iole Zampol Bernardes, que fez a identificação. Amanhã, mais Clube dos Cachaças.

MUSEU : BIBLIOTECA

Folha para Hemeroteca

Cl:

Data publicação

10/8/88

Diário Grande ABC:
Coluna Memória

Assunto:

Ademir MEDICI



Clube dos Cachaças-II

O Clube dos Cachaças era organizado. Tinha até sua bandeira, caprichosamente desenhada, com a data de fundação do clube e tudo. Aurélio Carpinelli, natural de Ribeirão Pires, integrava o clube e diz hoje, ao lado da amiga Iole Zampol Bernardes, que a entidade realmente não tinha qualquer preocupação clu-bística.

Era um modo descontraído de unidade, os colegas se encontrando para *aprontar*, sempre no bom sentido.

Aqui está um grupo deles: Felix Alvarez, Augusto Del Corto, Euclides Menato, Lino Alvarez, Arnaldo Arnoni (o Naio) e Romeu Tolezano. Os quatro à esquerda eram jovens de Santo André, entre os quais o conhecido Rolin, dono de um escritório na zona comercial antiga da cidade. Era costume os encontros entre os dois grupos – de Ribeirão e Santo André – para festas de confraternização, jogos, passeios.

O auge do Clube dos Cachaças foi nos primeiros anos da década de 50. Depois, sobraram as lembranças perpetuadas nestas fotos onde toda uma geração é registrada.



Reprodução - Luciano VICIONI

MUSEU : BIBLIOTECA

Folha para Hemeroteca

Cl:

Data publicação

11/8/88

Diário Grande ABC:
Coluna Memória

Assunto:

Ademir MEDIC.



Vacinação em massa

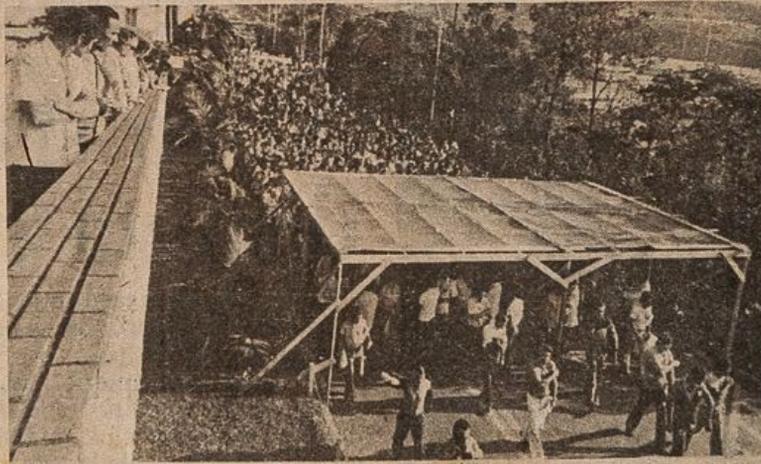
A data ficou marcada com um poster nos escritórios da grande montadora de automóveis: 25 de abril de 1975. As autoridades sanitárias realizavam, no interior da Volkswagen, em São Bernardo, a vacinação em massa contra meningite. De resto, verdadeira operação de guerra que se repetiu em tantos outros setores da região e Grande São Paulo.

São Paulo vivia momentos dramáticos. Era a maior epidemia de meningite registrada. 1974. Dezoito mil ocorrências haviam sido catalogadas. A única alternativa para frear o contágio foi mesmo a

vacinação em massa no ano seguinte. Mas desde 1971 as estatísticas subiam gradativamente, com muitos desmentidos oficiais de que tudo estava sob controle.

Em setembro de 1974 a Secretaria de Saúde de São Paulo divulgava o surgimento de 200 casos diários. Em outubro, números mais trágicos: a meningite matava 13 pessoas por dia na Grande São Paulo. Durante todo o 74 Diadema registrou 954 casos e 97 óbitos.

A região criou isolamentos de emergência. O Estado promoveu a formação intensiva de vacinadores. O fim da epidemia só ocorreu em meados de 1975. Treze anos depois, porém...



VACINAÇÃO CONTRA MENINGITE - VOLKSWAGEN DO BRASIL - S.B.CAMPO - 25 abril 1975